

**VIRADA ONTOLÓGICO-LIBERTÁRIA NO PENSAMENTO POLÍTICO
DECOLONIAL PLANETÁRIO**

***GIRO ONTOLÓGICO-LIBERTARIO EN EL PENSAMIENTO POLÍTICO
DECOLONIAL PLANETARIO***

***ONTOLOGICAL-LIBERTARIAN TURN IN PLANETARY DECOLONIAL POLITICAL
THOUGHT***



Milagros Elena RODRÍGUEZ¹
e-mail: melenamate@hotmail.com

Como referenciar este artigo:

RODRÍGUEZ, M. E. Virada ontológico-libertária no pensamento político decolonial planetário. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 13, n. 00, e024010, 2024. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v13i00.19153>



| **Enviado em:** 22/03/2024
| **Revisões requeridas em:** 13/11/2024
| **Aprovado em:** 20/11/2024
| **Publicado em:** 19/12/2024

Editor: Prof. Dr. Carlos Henrique Gileno
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade de Oriente (UDO), Cumaná – Sucre – Venezuela. Professor-Pesquisador Titular.

RESUMO: Na presente investigação transmetódica rizomática, com o transparadigma complexo, cumpre-se o complexo objetivo de pesquisa de analisar a virada ontológico-anarquista (ou libertária) no pensamento político decolonial planetário. Fazemo-lo a partir de transmétodos, desta vez da desconstrução rizomática, na sua desconstrução ou decolonialidade da crise e depois na reconstrução. No quadro disruptivo, sem preeminência, a bandeira do anarquismo é a libertação, pelo que a sua ação política desenvolve a consciência planetária. A democracia no projecto decolonial planetário é a procura da felicidade humana e, portanto, da libertação; o que não significa devassidão; pois bem, nas leis dos Estados temos estatutos a cumprir; sua essência é trabalhar com ações para salvaguardar a vida em todos os sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Virada Ontológica. Anarquismo. Pensamento Político. Descolonialidade Planetária.

RESUMEN: *En la presente indagación rizomática transmetódica, con el transparadigma complejo se cumple con objetivo complejo de investigación de analizar el giro ontológico-anarquista (o libertario) en el pensamiento político decolonial planetario. Lo hacemos desde los transmétodos, esta vez la deconstrucción rizomática, en su deconstrucción o decolonialidad de la crisis y luego la reconstrucción. En el entramado rupturante, sin preeminencias, la bandera del anarquismo es la liberación entonces su acción política desarrolla la conciencia planetaria. La democracia en el proyecto decolonial planetario es la búsqueda de la felicidad del ser humano, con ello la liberación; lo que no significa libertinaje; pues en las leyes de los Estados tenemos estatutos que cumplir; esencia en ello trabajar con acciones en la salvaguarda de la vida en todo sentido.*

PALABRAS CLAVE: Giro Ontológico. Anarquismo. Pensamiento Político. Decolonialidad Planetaria.

ABSTRACT: *In the present rhizomatic transmethodical inquiry, with the complex transparadigm the complex research objective of analyzing the ontological-anarchist (or libertarian) turn in planetary decolonial political thought is fulfilled. We do it from transmethods, this time rhizomatic deconstruction, in its deconstruction or decoloniality of the crisis and then reconstruction. In the disruptive framework, without preeminence, the flag of anarchism is liberation, so its political action develops planetary consciousness. Democracy in the planetary decolonial project is the search for human happiness, thereby liberation; which does not mean debauchery; Well, in the laws of the States we have statutes to comply with; It is essential to work with actions to safeguard life in every sense.*

KEYWORDS: *Ontological Turn. Anarchism. Political Thought. Planetary Decoloniality.*

Preâmbulo. Relacionamento como desafio, meandros do pensamento político colonial, panegírico e transmetodologia, investigação

Mais uma vez subvertemos a chamada ordem colonial global, pois os neófitos nesse sentido lembramos que devemos entender a colonialidade como "um padrão que emerge no contexto da colonização europeia das Américas ligado ao capitalismo mundial, ao controle, dominação e subordinação da população através da ideia de raça" (Walsh, 2012, p. 98). Que perpetua seus mecanismos de opressão mesmo disfarçados de decoloniais; com novos instrumentos que pretendem perpetuar o status fascista e colonialista disfarçado de nossos libertadores que sofreram o jugo e superaram o colonialismo imposto deste lado do planeta desde 1492.

O anarquismo como corrente planetária explicitamente decolonial, para além do pós-colonialismo e do pós-estruturalismo, sem disfarces socialistas ou comunistas que contornem o colonialismo interno, situação presente em alguns países do Sul hoje, sabemos que o anarquismo e as ideias anarquistas e libertárias passaram de inúmeras representações dentro da contracultura e das artes. Advertindo o leitor de que não faremos um relato de subsistência das várias correntes do anarquismo.

No campo acadêmico da filosofia, pesquisadores interessados no anarquismo surgiram por meio da influência teórica de Foucault, Deleuze e Guattari, Derrida, entre outros. Esses pesquisadores veem nas várias propostas teóricas do pós-estruturalismo ferramentas que ressoam e enriquecem os desafios teóricos e práticos que o anarquismo histórico tem defendido (Colson, 2003). Insistir que a decolonialidade planetária emerge como um projeto de libertação do centro das civilizações secretas.

O pesquisador Carlos Taibo acredita que a diferença entre se considerar anarquista e ser libertário é que o primeiro indica uma formação teórica nas ideias anarquistas, enquanto o segundo caracteriza uma pessoa relacionada a práticas de autogestão, horizontalidade, entre outras (Taibo, 2015, p. 32). Acreditamos que o anarquismo libertário ou impuro dá uma guinada no anarquismo. É a virada decolonial que "é a abertura e a liberdade de pensamento e modos de vida-outros (economias-outros, teorias políticas-outros)" (Mignolo, 2008, p.253); trata-se, portanto, de promover uma vida digna a partir das visões de mundo das civilizações dos países, dos grupos encobertos, sem preeminências ou superioridades do Ocidente ou do Norte. Essa é a possibilidade viável e categórica da "limpeza da colonialidade do ser e do saber; o distanciamento da retórica da modernidade e seu imaginário imperial articulado na retórica da

democracia. O pensamento decolonial tem como razão de ser e objetivo a decolonialidade do poder (isto é, da matriz colonial de poder)" (Mignolo, 2008, p.253).

Isso inclui, nesse sentido de libertação, avaliar as tentativas desenfreadas de populismo que chegam ao fascismo e que são defeitos que impõem um sentido exclusivo de governar fora da democracia, o que tem causado êxodo e fuga de nossos países devido à seca e à vida indigna implantada. Nós nos desapegamos de nossos próprios defeitos herdados da longa subjugação modernista-pós-modernista-colonial que nos impedem de ver claramente os instrumentos de opressão. O compromisso de salvaguardar o que é nosso deve ser alcançado, "ir aos imaginários sociais subjugados mais íntimos em que somos inferiores aos eurocêtricos, dessas minimizações ainda estamos cheios no meio da era chamada recivilização" (Rodríguez, 2022a, p.1); descolonizar desconstruindo opressões.

Por isso, a decolonialidade planetária é o projeto da transmodernidade, no qual o trans como prefixo é doravante posicionado por Enrique Dussel, com um significado notório que diz

Esse além (trans) indica o ponto de partida da exterioridade da modernidade, do que a modernidade excluiu, negou, ignorou como insignificante, sem sentido, bárbaro, não cultural, alteridade opaca porque desconhecida; avaliado como selvagem, incivilizado, subdesenvolvido, inferior, mero despotismo oriental, modo de produção asiático etc. Diferentes nomes dados ao não humano, ao irrecuperável, ao sem história, ao que se extinguirá diante do avanço avassalador da "civilização" ocidental que está se globalizando (Dussel, 1994, p. 222).

Devemos ter claro que, mesmo quando a transmodernidade como libertação começa na exterioridade onde se encontram as vítimas da modernidade-pós-modernidade-colonialidade, a libertação planetária e a convivência são notórias com a inclusão, uma vez que "esse projeto transmoderno também será o resultado de um diálogo entre culturas" (Dussel, 1992, p.162). Neste diálogo há um aspecto fecundo para além das concepções de solidariedade e compromisso da aceitação da diversidade como o maior tesouro da criação de Deus na terra. Tenhamos em mente que erros aberrantes continuam a ser cometidos, por exemplo, o que na modernidade capitalista foi adiado e silenciado, "a solidariedade como forma de conhecimento é o reconhecimento do outro como igual, sempre que a diferença traz inferioridade; e tão diferentes, desde que a igualdade coloque em risco sua identidade" (Santos, 2009, p.87).

Sob essas bases estritas de inclusão entende-se a libertação, onde "transmoderno significa aquela novidade radical que significa a irrupção, como que do nada, da exterioridade alterativa do sempre diferente, das culturas universais em processo de desenvolvimento, que

assumem os desafios da modernidade, e mesmo da pós-modernidade euro-americana, mas que respondem de outro lugar" (Dussel, 2005, pág. 152). Estamos comprometidos com isso, sabendo que as mudanças são difíceis, mas possíveis, e que a práxis como transformação deve prevalecer em processos radicais de mudança. Mas eles começam a ser dignificados nos grupos excluídos.

Este é "a partir do lugar de suas próprias experiências culturais, diferente do europeu norte-americano, e, portanto, com a capacidade de responder com soluções que são absolutamente impossíveis para uma cultura moderna" (Dussel, 2005, p. 152). Apostamos nisso nas concepções da pesquisa. "Uma futura cultura transmoderna, que assume os momentos positivos da modernidade (mas avaliada com critérios diferentes de outras culturas milenares), terá uma rica pluriversidade e será o resultado de um autêntico diálogo intercultural" (Dussel, 2005, p. 152). Com isso, não damos uma varredura em nossas introspecções à modernidade; mas avaliamos os momentos importantes e os aspectos inclusivos a serem melhorados.

O projeto da transmodernidade é a decolonialidade, que prefiro chamar de decolonialidade planetária, não com isso me desligo do Sul, falo como autor na primeira pessoa; mas ninho um processo planetário de decolonialidade; em virtude das várias evitações em todos os continentes do planeta. No estilo freiriano, buscamos a libertação de todos, pois "a libertação só é possível se afetar os dois polos da relação que deve ser transformada em seu ser; isto é, a libertação do oprimido não é suficiente se não levar também a uma libertação do opressor" (Restrepo; Rojas, 2010, p. 55-56). De fato, "a anarquia, *an-arkhe*, não é a ausência de princípios, (...) O anarquismo se opõe a qualquer lógica instrumental e utilitária, objetiva e objetificante" (Colson, 2015, p. 2)

Nas linhas de pesquisa: *Transmetodologias Complexas e Transmétodos Decoloniais Planetário-Complexos, Decolonialidade-Complexidade Planetária em Re-ligagem*, cumprimos o objetivo complexo de analisar a virada ontológico-libertária no pensamento político decolonial planetário. Fazemo-lo no projeto decolonial planetário, no transparadigma complexo, na ruptura de rizomas, com o transmetodológico e o transmétodo na desconstrução rizomática. Explicamos cada concepção abaixo à luz da libertação das investigações coloniais.

Enrique Dussel que dá sentido ao significado semântico do prefixo trans do transparadigma, transmetodologias e transmétodos. O complexo transparadigma vai antes de tudo além dos paradigmas, fora dos paradigmas, em sua exterioridade para complicar unindo o tecido desunido da vida, neste centenário Edgar Morín mais dois anos nos diz que a terra como uma unidade está cheia de uma diversidade maravilhosa em que a unidade e a diversidade "uma

unidade dialógica entre compreensão e explicação, para ele, ambos podem se complementar e controlar um ao outro; e ambos devem se referir um ao outro em um ciclo produtivo de conhecimento" (Morín, 1988, p. 166).

De forma semelhante, as transmetodologias buscam na exterioridade, no execrado, o reducionista para tirar e evidenciar o diminuído, na decolonialidade-complexidade planetária em 2017, em sua primeira publicação (Rodríguez, 2017); dão significado à desconstrução dos métodos de colonização, tornando-os mais complexos, buscando diatopicamente a sabedoria na pesquisa sem separar o qualitativo-sócio-crítico-quantitativo; as subjetividades do autor, do autor, emergem fora da suposta objetividade do pesquisador; não busca verdades acabadas e abre o espectro das condições iniciais do problema para buscar nessa exterioridade.

O transmétodo da pesquisa é a desconstrução rizomática (Rodríguez, 2017) (Rodríguez, 2019) que entrelaça a desconstrução da crise colonial em geral dos complexos objetos de estudo e reconstrói com esperançosa decolonialidade-complexidade planetária, transcendendo o pós-colonialismo à decolonialidade; porque nasceu no estilo dulseniano, na exterioridade da modernidade - pós-modernidade.

Aqui, na presente pesquisa, há a possibilidade de conexões entre quaisquer dois pontos, formando com eles a totalidade de um platô, "uma multiplicidade que pode ser co-nectada a outros por hastes subterrâneas superficiais, de modo a formar e estender um rizoma" (Deleuze; Guattari, 2004, p. 26). Por isso, parecerá que em algum momento voltamos ao início ou chegamos ao fim da investigação, rompemos e continuamos com o discurso, que nunca é linear, mas entrelaçado. Ratifica-se a ruptura com a imposição de capítulos, de divisões como: introdução, desenvolvimento, resultados e conclusões, síndrome obrigatória de muitos periódicos e cursos de pós-graduação. O rizomático rompe com a estrutura vertical da raiz, mas não constitui um sistema.

A seguir, vamos desconstruir e ao mesmo tempo reconstruir para atender ao objetivo do estudo.

Desconstrução. Crise no pensamento político colonial-modernista-pós-modernista

Dissemos que os projetos que foram perseguidos na prática carecem de libertação e, nesse sentido, o ser humano anarquista os critica e tende a construir uma reconstrução da posição anarquista. Mas vamos responder à relacionalidade entre democracia e decolonialidade como categoria da pesquisa. Uma democracia decolonial e planetária? Vamos rever

rapidamente a democracia na Grécia à luz das grandes filosofias e como ela ainda é influenciada hoje. A propósito, conseguimos nomear os sofistas, e entre eles especialmente Antífonte de Atenas, Hípias de Elis e Alcidas de Eleia, que anteciparam algumas opiniões primordiais do anarquismo, como a diatribe contra a lei do Estado. O primeiro uso conhecido da palavra *anarquia* também pertence à Grécia Antiga, na obra *Os Sete Contra Tebas* (467 ac) de Ésquilo (Hamon, 1943), a palavra anarquia era usada naquela época com sentido negativo, não como se referindo a uma doutrina contrária à autoridade.

Foi dito que a figura de Jesus de Nazaré é uma grande representação dos valores anarquistas contra a opressão de Israel e contra as mulheres, os maus-tratos. Concordamos que nosso Salvador, Libertador, Libertado e Senhor é um libertário excepcional que nos ganhou a vida eterna com o perdão dos pecados, que o Cordeiro morto ganhou em seu sacrifício na cruz por todo o planeta. Não estamos neste momento usando a figura de Deus como uma religião opressora da colonialidade, estamos falando de uma relação pura, orgânica e justa que se chama cristianismo. Este ponto será para futuras investigações.

Ao aparecer com as Sagradas Escrituras que mostram que a democracia se origina lá, não estamos impondo religiões opressivas, não estamos alterando as visões de mundo e os modos de vida das civilizações; nada disso é contradito, desde que a vida e sua natureza sejam respeitadas. Onde o ser humano e as políticas do Estado devem ser conhecidos por uma sociedade ancorada na libertação das mentes, como sua espécie: o ser humano é criação de Deus (Gênesis, 1: 8), com uma terra maravilhosa arranjada por Deus para habitá-lo (Gênesis 1); não para encobri-lo e destruí-lo; é um conhecimento da decolonialidade planetária nas Sagradas Escrituras.

Mas, e este é o problema, a democracia que atualmente se impõe foi desviada de seu propósito original e forjou a vida em uma disjunção, opressão que vem da colonização e da colonialidade; como democracia, aparece como uma tigela de mendigo profundamente vazia. A democracia no momento atual é apenas de: pobreza, discriminação, destruição do planeta, desvio de Deus e seu uso para fins mesquinhos que desvendam sua criação, o desvio até mesmo dos resultados das ciências para violar a natureza da vida; Com isso a democracia está: individualização, convivência, dor e infortúnio.

A democracia concebida nas Sagradas Escrituras se perde quando Deus é retirado da equação de como viver; e veja que estamos falando de Deus e não de religiões opressivas; que, é claro, cortaram diante dos seres humanos a essência do que Deus é. Para Platão, a democracia é estudada e experimentada em sua obra-prima *A República*; o Stagyrite afirma que teve seu

primeiro impulso com a constituição de Sólon, aproximadamente 594-593 ac (Platão, 1988). A democracia grega por excelência é aquela que evoluiu na Atenas arcaica e clássica.

É quando a maioria governa em benefício exclusivo ou contra uma minoria. Aristóteles diz em sua obra Política que a democracia ocorre quando os necessitados têm poder (Aristóteles, 1988). Nesse sentido, esse poder significa progresso e renascimento de suas potencialidades e não apelativos como o que acontece com o populismo e o uso indevido em favor de ideologias que não são nada democráticas.

Estamos procurando os principais desvios e colonialidades da democracia como tal; não fazemos um relato histórico disso, na Transmétodo nos permite e descolonizar. Sendo a liberdade uma condição necessária, mas não suficiente, para o exercício da democracia, sabemos então que a decisão do povo, das comunidades, é uma disposição de bem-estar ou de mal. Mas as comunidades tiveram a oportunidade de decidir? Como tem sido esse exercício até agora?

Embora a democracia seja geralmente percebida como um desenvolvimento greco-europeu, vale a pena notar que algumas de suas raízes podem ser encontradas na Bíblia. A Aliança entre Deus e as tribos de Israel no Monte Sinai é baseada no consentimento do povo. Deus é visto como o Rei de Israel: teocracia significa literalmente o governo de Deus, e não o governo dos sacerdotes. Os reis terrenos são irmãos do povo e devem se submeter à lei divina. Abraão pratica a liberdade de expressão quando discute com o Todo-Poderoso sobre sua determinação de destruir Sodoma e Gomorra. Essa liberdade tornou-se parte integrante da tradição israelita, exemplificada pelos profetas e em tempos posteriores. De fato, a vitalidade da democracia no moderno Estado de Israel pode ser devida em grande parte ao seu contexto bíblico (Roshwald, 2006, p.151).

Gostaríamos de especificar que um dos principais desvios da democracia como sentido de liberdade e concórdia do povo é o de se ter desviado da Palavra de Deus, daquele sentido político original de bem-estar, ética e respeito pela obediência e saber que eles são responsáveis por seus atos; em uma transcendência da alma e do espírito. O conceito de ser humano é assim simplificado; e, claro, a da democracia. Está ancorado em concepções exclusivas de conveniência, na convicção dos acordos que fazia com o Estado; e não responder à criação da humanidade. A liberdade é excedida em licenciosidade ou diminuída em opressão; A elite substitui o povo e, nesse ponto, há uma ruptura no complexo conceito de democracia.

Devemos ser claros sobre as críticas à democracia em tempos em que denegrir o autoritarismo cobra seu preço; E assim, como opção, eles nos dão mais democracias ou ditaduras expiradas. Sem dúvida, aspirar à liberdade com seriedade cidadã e tomar decisões

sobre como viver na dignidade da criação de Deus é o nosso desejo. Na libertação ontológico-epistemológica da colonialidade da democracia, então, damos algumas essências que a tornam oprimida em meio à colonialidade do poder. Buscar a justiça no respeito ao ser humano e, com ele, a toda a terra, é intencionalidade.

Em meio ao desvio da democracia, o planeta vê a decadência da solidariedade, com o abuso e o ataque à natureza da vida; neste caso, em contraste com a busca da ética em nossa práxis com os semelhantes, "a complexidade indica que um modo de pensar capaz de vincular e solidarizar conhecimentos desconexos é capaz de se prolongar em uma ética do vínculo e da solidariedade entre os humanos (...) A reforma do pensamento teria, portanto, consequências existenciais, éticas e cívicas" (Morín, 2007, p.102). Sabemos mais que na redução e separação do ser da natureza, alma, espírito e Deus há uma árvore cortada que pouco poderia fazer para responder pelas mesmas consequências de sua educação ultrapassada; aliado aos projetos coloniais que o dominam e o levam à sua expressão mínima: infelicidade, falta de amor, falta de solidariedade, enfim incivilização em pleno século das tecnologias; O ser desumanizado procura construir um super-homem com base em sua própria exploração. Entre as críticas à democracia significativa desviante encontramos a do autor Robert Paul Woff em seu texto intitulado: *Em Defesa do Anarquismo. Crítica da democracia representativa* (Woff, 2023).

E entre os ataques à humanidade está o projeto colonial em que "a modernidade é vista como moldadora de um sistema globalizado de poder que pode ser pensado a partir dessa fratura, dessa ferida colonial" (Gimeno, 2012, p.36). É por isso que a colonialidade é seu projeto, o contraprojeto que chamo de decolonialidade planetária, a palavra planetário tem um sentimento de pertencimento preferível à globalização, autenticamente moriniano. Nisso, sabemos que "o eurocentrismo deu à filosofia europeia uma hegemonia indiscutível entre as elites coloniais e o "privilegio de ser o único desdobramento da razão humana sobre as histórias míticas"" (Dussel, 2016, p.84).

A virada ontológica libertária ou anarquista está na desconstrução que é feita de todas as tentativas malsucedidas de libertação nas supostas decolonialidades que Walter Mignolo, entre outros, faz; como veremos em breve. Essa virada agora está alerta para cordialidades disfarçadas de libertadoras porque vão contra o capitalismo, por exemplo; "Pode-se dizer que existem dois aspectos da diferença colonial (epistêmico e ontológico) e que ambos estão relacionados ao poder (exploração, dominação e controle). Em suma, a diferença subontológica ou diferença ontológica colonial refere-se à colonialidade do ser de maneira semelhante à forma como a diferença epistêmica colonial se relaciona com a colonialidade do conhecimento. A

diferença colonial, em geral, é, então, o produto da colonialidade do poder, do saber e do ser. A diferença ontológica colonial é, mais especificamente, produto da colonialidade do ser" (Maldonado-Torres, 2007, p. 147).

Em busca da liberdade como vitalidade democrática, inclusiva e assertiva para uma vida digna, "a descolonização epistemológica, para então dar lugar a uma nova comunicação intercultural, a uma troca de experiências e significados, como base de uma outra racionalidade que pode legitimamente reivindicar alguma universalidade" (Quijano, 1992, p. 447); Deve resgatar o encoberto da modernidade-pós-modernidade com inclusão assertiva e opressão indisfarçável, onde a superioridade de pessoas, conhecimentos, regiões, espaços ou visões de mundo continua a ser reivindicada. Nesse sentido, a virada ontológica libertária deve compreender com profundos processos metacognitivos as diferentes colonialidades que ainda prevalecem na terra. Observamos que "a colonialidade do poder se refere à inter-relação entre as formas modernas de exploração e dominação, e a colonialidade do conhecimento tem a ver com o papel da epistemologia e as tarefas gerais de produção de conhecimento na reprodução dos regimes coloniais de pensamento" (Maldonado, 2007, p.130), enquanto "a colonialidade do ser refere-se a, depois, à experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem" (Maldonado, 2007, p.130).

Os fatos ocorridos nas falsas decolonialidades do planeta já foram levados em consideração, razão pela qual Walter Dignolo expressa com atenção que a decolonialidade "não é mais esquerda, mas outra coisa: é distanciamento da episteme política moderna, articulada como direita, centro e esquerda; é abertura para outra coisa, em movimento, buscando-se na diferença" (Dignolo, 2008, p. 255). Não é socialismo disfarçado de comunismo, não é castrismo, nem nunca é nazismo. A decolonialidade planetária não é comunismo, nem é um projeto com diferentes objetivos libertadores onde é de alguma forma evitada, onde é oprimida; nenhum desses propósitos pode designar o decolonial planetário. Com tudo isso, o sujeito anarquista não concorda com nenhuma prática que se diz libertadora e trai essa concepção. Nem é um sujeito nesta investigação que queira abolir o estado. Pelo contrário, defende o Estado de Direito de uma nação.

Note-se que não coloco a concepção de sujeito anarquista a partir da perspectiva eurocêntrica, mas que é o cidadão que exerce práticas libertárias em favor dos seres humanos e se opõe a qualquer prática opressora do Estado, em qualquer esfera. Situar o ressurgimento em escala planetária em um contexto ainda inexplorado de colonialidade global, onde os chamados

Estados anticapitalistas são, finalmente, disfarces opressivos que não têm nenhuma intenção libertadora. Ele é um sujeito político por excelência.

O sujeito anarquista ou libertário na desconstrução de sua concepção se opõe atualmente a formas de pensar como o comunismo e o liberalismo, bem como a outros movimentos que rejeitam essas inclinações como antidemocráticas, fascistas; porque não há libertação sem democracia, assim como não há paz sem justiça. Anarquia não significa o apolítico de um sujeito; pelo contrário, deve estabelecer uma posição libertária. Com isso, rejeitamos qualquer maneira inadequada de fazer política; muito mais quando é feito em nome de projetos decoloniais e da tomada de legados como nossos libertadores, ou na educação como Paulo Freire, Simón Rodríguez, José Martí e essas figuras são usadas, mas a práxis política e educacional está longe do legado dessas exaltações.

Reconstrução. A virada ontológico-libertária ou anarquista no pensamento político decolonial planetário

Sem dúvida, o cidadão na virada ontológico-libertária ou anarquista no pensamento político decolonial planetário, carrega em suas políticas subverter a ordem opressora de qualquer Estado; e com isso subverter não significa alterar ou se manifestar contra suas leis ou constituição, afinal não promove revoltas fascistas; sem dúvida o pensamento decolonial como instrumento transgressor da globalização (Lara, 2015) carrega em si a planetarização, como sua missão a salvaguarda da Terra. "O pensamento decolonial defende que devemos repensar a ação política e, muito importante, nossa própria educação, para criar um diálogo horizontal que contraste com o monólogo eurocêntrico da modernização e seu processo constituído pela globalização" (Lara, 2015, p. 6-7).

Se a bandeira do anarquismo é a libertação, então sua ação política desenvolve a consciência planetária; nisso "a libertação requer a capacidade reflexiva do oprimido, que deve compreender as condições objetivas que sustentam sua opressão, ao mesmo tempo em que o torna consciente da maneira como essa opressão o desumaniza e impede sua vocação de ser mais". (Restrepo; Rojas, 2010, p.56). Ser mais não é entendido como medidas populistas que o minimizam e não o empoderam, aqui temos que estar alertas; "Caso contrário, os oprimidos podem transformar as condições de opressão apenas para invertê-las; isto é, apenas para reproduzi-los, desta vez em seu antigo opressor" (Restrepo; Rojas, 2010, p.56). E isso acontece quando vemos massas sofrendo, empobrecidas, mas apoiando um sistema opressivo por mera sobrevivência. E esqueceram o verdadeiro potencial, porque o paternalismo quando a opressão

começou estava criando uma minimização extrema, a ponto de não discernir, mas obedecer cegamente.

Casos extremos de empoderamento humano podem resultar em gravidade; por exemplo, devemos dar a guinada decolonial planetária libertando os seres humanos de sua suposta superioridade com a natureza, de sua dominação como um massacre da natureza (Santos, 2018). Para tanto, propomos a antropológica como nossas ações na recivilização da humanidade como um dos eixos transepistêmicos, para além do que se sabe ser o ser humano, o que é ser um indivíduo humano; indivíduo em autonomia e dependência (Rodríguez, 2022b); é um reconhecimento de que somos uma unidade indivisível: natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus em que se alguém é afetado tudo perece. A essência compassiva é uma verdadeira essência libertária para ensinar na decolonialidade planetária que transgride a tradicionalidade e a consciência planetária de que nos atacamos enquanto nos sentimos natureza, defendemos essa essência de nossas próprias demências; ir constantemente às respostas para a pergunta: Como o ser humano quer transcender? (Rodríguez, 2022b).

Devemos acabar com a falsa concepção de que a natureza é de ordem inferior, pois nos foi ensinada na colonialidade das mentes e do poder a concepção dicotômica entre natureza-sociedade ou natureza-humanidade e com ela foi estabelecido um princípio de diferenciação hierárquica radical entre a superioridade da humanidade/sociedade e a inferioridade da natureza. também falsamente inscritas nos planos da criação divina (Santos, 2018). E desde que entendamos que falhamos na chamada conquista do planeta; porque "o mito bárbaro da conquista da natureza, longe de humanizar a natureza, a instrumentaliza e degrada seu degradador" (Morín, 2002, p. 495).

O sujeito é o ser que tem a autocompreensão como sua peculiaridade mais transcendental; no estudo do ser humano, devemos integrar a ele a maneira como o ser humano se entende. "Como será a autocompreensão se o ser não conhecer a si mesmo? Portanto, a consciência e sua responsabilidade pela vida de alguém é a essência do que é humano. Nessa consciência, as crenças, as representações sociais, entre outras, são parte essencial, marcadas por sua cultura" (Rodríguez, 2022b, p.174).

Nesse sentido, a virada ontológico-anarquista no pensamento político decolonial planetário, sem dúvida, se volta para o deslocamento na salvação da Terra e com isso deve retomar a complexa concepção do ser humano e sua ação dependente da natureza, na qual, se perecermos, será com todo o planeta. É urgente ter uma cabeça bem colocada no estilo de Michel de Montaigne, e que Edgar Morín retoma em suas obras. Os aspectos biológicos,

culturais, espirituais e naturais entrelaçados permeiam a totalidade desconhecida como um mar de incertezas da relação natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus (Rodríguez, 2022b). Mas é conveniente saber que na reforma do pensamento em direção a estágios metacognitivos profundos, a transcendência, a consciência-consciência, a consciência, entre outras, são condições únicas do ser que podem ser transformadas em sua recivilização.

Nesse sentido, da mesma forma que a falsidade de que Deus não existe foi feita no humanismo para fazer o ser humano pensar que pode se salvar, como autor liberado em meu sentimento de pensamento e subjetividades, não mais um objeto passivo, mas um ser humano ativo na investigação, gostaria de esclarecer que a figura de Deus, do cristianismo evangélico, daqueles que acreditam em Jesus Cristo como o homem libertador da história da terra que deu sua vida por nossa salvação e transcendeu nossa alma e espírito; ele não é o deus usado na evasão da Igreja Católica que manipula a figura de Deus (Rodríguez, 2023a); e que, por exemplo, ocorre que "o colonizador europeu e isso traz consigo como consequência a representação do outro não cristão como um ser que precisa ser evangelizado, seja o árabe, o negro, o oriental ou o índio americano" (Abate, 2016, p. 182).

Em consonância com a complexidade e o reconhecimento da natureza da vida, estamos indo para a "consciência da finitude humana no cosmos, que nos leva a conceber que, pela primeira vez em sua história, a humanidade deve definir os limites de sua expansão material e, correspondentemente, empreender seu desenvolvimento psíquico, moral e espiritual". mental" (Morín, 2006, p. 181). E unitivo com o espiritual, à transcendência do ser humano, a crença de sua finitude em seu fazer, e que dentro dele não há verdade; a humildade que tanto nos faltou na crise do humanismo. "Reconheçamos que não podemos voltar e fazer no meio da terra; tanto quanto pudermos; deixando o indizível e o grande poder de Deus que transcende nossa alma e espírito" (Rodríguez, 2023b, p.14).

A democracia no projeto decolonial planetário é a busca da felicidade do ser humano, com ela a libertação; o que não significa licenciosidade; porque nas leis dos Estados temos estatutos a cumprir; a essência dela é trabalhar com ações na salvaguarda da vida em todos os sentidos; o homem é sapiens-demens, é onde se encontram as forças da desconstrução de uma democracia demagógica que perdeu seu Norte. Por isso, o processo democrático busca ao mesmo tempo a descolonização das ciências, dos territórios, do pensamento e da pedagogia como práxis contra-hegemônica na região latino-americana; e em todo o planeta; levando em consideração que não somos os únicos colonizados.

A democracia na decolonialidade planetária ou a decolonialidade planetária que promove a democracia são incitadoras e subversivas da igualdade; nisso rompe com as civilizações imponentes, ciências, conhecimentos que se acredita serem superiores, legalizando outros países. É a imposição que o Ocidente fez com a colonização na qual, como diz Enrique Dussel, nos fez sentir duplamente culpados: por sermos inferiores e por nos resistir. Observe que na educação a igualdade não pode ser alcançada com disciplinas; é um tema a ser aprofundado em pesquisas futuras, a disciplina é insuficiente, é uma forma errada de tentar conceber, criar e disseminar conhecimento, as disciplinas que são colonizadas não permitem a inclusão do conhecimento; e eles continuam a exercer seu poder recusando-se a quebrar os limites de seu conhecimento; mas aí, ao quebrar seu pensamento abismal, essências dignas de resgate para diatopias como democracia-igualdade, democracia-decolonialidade planetária; entre outros.

Como já disse, para continuar o estudo com a transdisciplinaridade em conjunto com as disciplinas e silenciando seu exercício colonial na educação democrática, vamos deixar de lado a ruptura da relação: ser humano-natureza-sociedade, e vamos para sua diatopia com abordagens interdisciplinares e transdisciplinares sem sacrificar as disciplinas, e o uso de diversos procedimentos, métodos e metodologias. Porque o que é conclusivo é a quebra de fronteiras epistêmicas, a combinação de conteúdos cognitivos: conhecimento-conhecimento para poder encontrar a realidade com toda a sua complexidade e incerteza nas universidades, nas instituições de ensino.

Afinal, a democracia é possível no projeto de colonialidade planetária-complexa; Melhor ainda, é aí que podemos alcançar o centro menos contaminado para um exercício democrático em todos os sentidos nos países. Reafirmamos a democracia como decolonialidade não restringe a liberdade; em vez disso, define-o no cumprimento de deveres e reivindicação de direitos; aprender e buscar a descolonização, à qual o ensino e o conhecimento necessariamente se unem, que por sua vez não podem prescindir da liberdade. Sabemos como nasce a decolonialidade, ela nasce como uma proposta crítica, o oposto da herança colonial que nos pisoteou durante anos em muitas partes do planeta, um vestígio evidente na organização social e na reconstrução histórica e cultural. Como podemos alertar para a subversão dos Estados fascistas que começaram com o paternalismo e continuam com a seca das regiões?

Voltamos agora ao rizoma inicial para mostrar a possibilidade do sujeito subversivo que, no legado de Enrique Dussel, alcança no projeto decolonial um privilégio epistêmico dos oprimidos por sua condição de exterioridade para articular a práxis e a filosofia da libertação:

"a exterioridade é a profundidade insondável da sabedoria, a dos povos vernáculos, dominados, pobres (...) Eles são os professores dos sábios, e a filosofia é sabedoria" (Dussel, 1996, p. 207). Recuperando assim o conhecimento das visões de mundo originais.

Fora da hegemonia ocidental e do Norte, alcançamos essências especiais para essa subversão como um grito libertador na práxis que, entendendo a salvaguarda da exterioridade, entendemos que com Enrique Dussel "essa noção de exterioridade não implica um exterior ontológico, mas se refere a um exterior que é precisamente constituído como diferença pelo discurso hegemônico" (Escobar, 2003, p. 63). Essa hegemonia doentia, um ultraje da história por prometer libertação e ser uma imitação do liberalismo e da globalização, deve ser subvertida em favor do bem-estar das nações. Deve ficar claro que nem tudo o que foi feito para governar ao contrário do capitalismo foi a decolonialidade, mas que eles se aproveitaram das grandes necessidades para oprimir mais, agora com outros portadores de colonialidade disfarçada.

Acreditamos que fora das concepções teóricas, na práxis é hora de pensar nas melhores essências do ser humano, que podem ser transcendidas e provocadas em um exercício de consciência-consciência (Rodríguez, 2023b); pois sabemos hoje na desconstrução que carregamos nós nos redimimos na vida diante de nossa magnífica criação; além de competências desumanas, o desejo de dinheiro e os danos à vida. Fica claro, então, que "as lutas para se libertar constituem, aqui e ali, processos originais por meio dos quais os miseráveis da terra recuperam (e se reapropriam) de sua própria historicidade, criam seu lugar no mundo, criam o mundo para acontecer e gestam sua própria filosofia" (GIMENO, 2012, p. 44).

E nas linhas de pesquisa que mencionamos onde se situa a pesquisa atual, subvertemos a filosofia ocidental que dita e justifica o massacre da vida; saímos da filosofia colonizada para salvaguardar sua exterioridade e as filosofias das civilizações execradas, com ela uma transfilosofia que vai contra a filosofia sequestrada na colonialidade, além da epistemologia da filosofia, transcende fronteiras e torna a filosofia mais complexa para o planeta, sem dívidas continentais (Rodríguez, 2022c). Onde é resgatado propõe uma filosofia baseada no diálogo e na escuta dos excluídos, do *Outro radical*, ou seja, do sujeito que foi transformado em objeto pela dominação ocidental (Dussel, 1998).

As formas de resistência hoje devem ser dirigidas não apenas contra o Estado, mas também contra outras forças opressoras e também opostas ao Estado; é o caso de muitos movimentos fundamentalistas de natureza religiosa, alguns que violam a natureza da vida e promovem aberrações como a pedofilia. Ora, nas formas de luta encontramos duas classes: na primeira há aqueles movimentos que representam uma parte da sociedade que é atacada e na

qual o sujeito é levado à sua conversão e encurralado a tal ponto que é obrigado a participar ativamente das lutas sociais; no segundo há aquelas lutas que consideram que é o sistema que está causando danos à sociedade, por isso é necessária uma mudança de sistema que, por meio de uma reconstrução do Estado, consiga redirecionar a sociedade para a mudança.

Conclusões. Aserções em defeitos escorregadios do pensamento decolonial planetário

No fato de *analisar a virada ontológico-anarquista (ou libertária) no pensamento político decolonial planetário*, obtivemos propostas na práxis para subverter e com a virada ontológico-anarquista, que estão atentas ao contínuo ataque à vida em todos os sentidos, de modo que o sujeito libertário ou anarquista tem como prioridade a salvaguarda da vida, de todas as manifestações complexas da vida. *Em primeiro lugar, atende à complexa concepção do ser humano: natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus*. Com isso, a salvaguarda da natureza é essencial, na medida em que ela é cortada ou tratada como inferior, em grau de importância o indivíduo perece.

Em segundo lugar, de acordo com a complexidade do ser humano, Deus como criador e Pai Nosso é redimido diante de nossas ações e complexidade da vida; no estilo panikkarniano, a intuição cosmoteândrica de Deus no mundo, *a Trindade: uma experiência humana primordial* (Panikkar, 1998). Nisso, ter consciência do bem comum é promotor de uma consciência-conscientização onde o espírito/cérebro não pode ser isolado da cultura, da educação libertadora; isso é infalível para a incidência do espírito e para o pleno avanço do cérebro; bem como a elevação à sabedoria como exercício do Espírito Santo que permeia nosso espírito (Rodriguez, 2022b). Com isso desconstruímos a figura opressora de Deus das religiões para evitar e no falso humanismo para promover a arrogância de que o ser humano pode agir como bem entender e não tem ética. O sujeito anarquista que subverte formas opressivas de prejudicar e violar a natureza da vida e, com ela, a pedofilia; entre outras aberrações resultantes da natureza irracional do ser humano colonizado desumano alienado da colonialidade global. O sujeito deve ser alertado para a libertação, resistir e persistir.

Terceiro, sem preeminência, se a bandeira do anarquismo é a libertação, então sua ação política desenvolve a consciência planetária. A consciência planetária abrirá a cortina de que fazemos parte de uma teia complexa que inclui todas as formas de vida do planeta. Um planeta que foi atacado e minimizado como inimigo. "A consciência ecológica requer um duplo piloto: um, profundo, que vem de todas as fontes inconscientes da vida e do homem, e o outro,

que é o de nossa inteligência consciente" (Morín, 1996, p.10). Nisso, o anarquista deve entender que o treinamento, atendendo às suas próprias fraquezas e treinamento reducionista lhe custou ser subvertido e impôs-lhe a colonialidade do poder e o fazer, mesmo quando os libertadores de seus países os tiraram do colonialismo e da invasão do Ocidente.

Em quarto lugar, a solidariedade como forma de conhecimento é o reconhecimento do outro, não como outro, mas como si mesmo; da dor de nossos semelhantes e de seus sofrimentos; mas essa solidariedade deve nos levar a tomar consciência de que essas pessoas infelizes têm o poder de se libertar se você as capacitar fortemente à maneira freiriana. *Compaixão diante da dor na decolonialidade-complexidade planetária, quão estranha é?* (Rodríguez, 2023b), rezamos para que não usemos mais esse sentimento como outro; mas que sob a consciência de que viemos servir, de que estamos unidos uniativamente no mesmo fim de amor, entendamos que a compaixão leva à inclusão do ser humano na natureza, "reconhecimento de nossa ecodependência, o cuidado da terra; sem reconhecimento do pluriverso cultural, étnico, religioso e da biodiversidade. A compaixão deve levar ao diálogo entre tradições culturais, religiosas, étnicas, filosóficas, espirituais e morais" (Rodríguez, 2023b, p. 1). Vamos em frente, viva a humanidade, a criação de Deus, Pai maravilhoso.

Agradecimentos e dedicação na liberação transmetódica do sujeito de pesquisa

Dedicatória: *Dedico esta pesquisa ao filósofo da libertação:* Você viveu um exemplo de humanidade Don Enrique Dussel, obrigado por tanto! **Fidelidade:** sabendo que a libertação e a salvação totais foram dadas por Deus amado com seu Filho Jesus Cristo na cruz, que é a verdade e a vida, contribuimos para reivindicar novamente a criação; nos despedimos com o devir do Primeiro e Segundo Mandamentos de DEUS, quando um intérprete da Lei lhe perguntou: Mestre: Qual é o principal mandamento da Lei? Ele respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento". O Segundo Mandamento é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mateus 22:34-39). O autor dedica Deus com toda a sua complexidade, cheio de sabedoria do Espírito Santo em humildade, e abrindo caminhos em meio à desolação e à desgraça; e deseja usar os dons dados em favor da humanidade, "a língua dos sábios dá brilho à sabedoria; a boca dos tolos ferve de tolice" (Provérbios 15:2).

REFERÊNCIAS

- ABATE, S. Humanismo y colonialismo: la poética del capitalismo eurocéntrico en tres obras del siglo XVI. **Lingüística y Literatura**, Buenos Aires, n. 70, p. 173-190, 2016. DOI: 10.17533/udea.lyl.n70a08.
- ALMEIDA, M. Anarquismo Ontológico e Verdade no Antropoceno. **ILHA**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 10-29, 2021. DOI: 10.5007/2175-8034.2021.e78405.
- ARISTÓTELES. **Política**. Madrid: Editorial Gredos, 1988.
- COLSON, Daniel. **Pequeño léxico filosófico del anarquismo: De Proudhon a Deleuze**. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión, 2003
- COLSON, D. **L'anarchisme est extrêmement realiste** en Revue Ballast, París, 2015. Disponível em: <https://www.revue-ballast.fr/daniel-colson-lanarchisme-est-extremement-realiste/>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- GIMENO, J. Conversaciones sobre/desde la “decolonialidad”. **Viento Sur**, Madrid, n. 122, p. 34-45, 2012. Disponível em: <https://hemeroteca.hegoa.ehu.eus/es/issues/8484>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil mesetas**. Capitalismo y esquizofrenia. [S. l.]: Pre-textos Editorial, 2004.
- DUSSEL, E. **La ética de la liberación: ante el desafío de Opel, Taylor y Vatio con respuesta crítica inédita de K.-O. Opel**. México: Universidad Autónoma del Estado de México, 1992
- DUSSEL, E. **1492 el encubrimiento del Otro: hacia el origen de mito de la Modernidad**. La Paz: Ediciones Plural Editores, 1994.
- DUSSEL, E. **Filosofía de la liberación**. Bogotá: Nueva América, 1996.
- DUSSEL, E. En búsqueda del sentido (origen y desarrollo de una filosofía de la liberación). **Revista Anthropos: Huellas del conocimiento**, Madrid, n. 180, p. 13-36, 1998. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1315-52162007000100007 Acesso em: 06 mar. 2024.
- DUSSEL, E. Transmodernidad e interculturalidad. *En*: Fornet-Betancourt, R. **Crítica intercultural de la filosofía latinoamericana actual**. Madrid: Trotta, 2005. p. 123-16.
- DUSSEL, E. **Filosofías del sur: descolonización y transmodernidad**. México: Akal, 2016.
- ESCOBAR, A. Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación de modernidad/colonialidad Latinoamericano. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 1, p. 51-86, 2003.
- HAMON, A. **La revolución a través de los siglos**. Buenos Aires: TOR, 1943.

LARA, J. Pensamiento decolonial como instrumento transgresor de la globalización. *Analéctica*, Bogotá, v. 1, n. 10, p. 1-9, 2015. DOI: 10.5281/zenodo.3911830.

MALDONADO TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 127-168.

MIGNOLO, W. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. En: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOQUEL, R. **El giro decolonial Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**, Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 25-46.

MIGNOLO, W. La opción decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 8, p. 243-282, 2008. Disponible em: <https://www.revistatabularasa.org/numero08/la-opcion-de-colonial-desprendimiento-y-apertura-un-manifiesto-y-un-caso/>. Acceso em: 1 mar. 2024.

MORÍN, E. El pensamiento ecologizado. **Gazeta de Antropología**, n. 12, p.1-7, 1996. Disponible em: <http://www.gazeta-antropologia.es/?p=3539>. Acceso em: 21 mar. 2024.

MORÍN, Edgar. **El Método III**. El conocimiento del conocimiento. Madrid: Cátedra, 1988.

MORÍN, Edgar. **El Método II**: La vida de la vida. Madrid: Ediciones Cátedra, 2002.

MORÍN, Edgar. **La cabeza bien puesta: repensar la reforma**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

PANIKKAR, R. **La Trinidad**: una experiencia humana primordial. Madrid: Siruela, 1998.

PLATÓN. **La República**. Madrid: Editorial Gredos, 1988.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. In: BONILLA, H. (comp.). **Los conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas**. Quito: Libri Mundi, Tercer Mundo, 1992.

RESTREPO, E.; ROJAS, A. **Inflexión decolonial**: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2010.

RODRÍGUEZ, M. E. **Fundamentos epistemológicos de la relación patrimonio cultural, identidad y ciudadanía**: hacia una educación patrimonial transcompleja en la ciudad. 2017. Tesis (Doctorado) – Universidad Latinoamericana y el Caribe, Caracas, Venezuela, 2017.

RODRÍGUEZ, M. E. Deconstrucción: un transmétodo rizomático transcomplejo en la transmodernidad. **Sinergias educativas**, Quevedo, v. 4, n. 2, p. 1-13, 2019. DOI: 10.31876/s.e.v4i1.35.

RODRÍGUEZ, M. E. Taras como sátiras en la interpretación de la decolonialidad. **Revista nuestrAmérica**, Santiago de Chile, n. 20, e6907459, p.1-15, 2022a. DOI: 10.5281/zenodo.6907459.

RODRÍGUEZ, M. E. Transepistemas de la concepción compleja del ser humano: naturaleza-cuerpo-mente-alma-espíritu-Dios. **PerCursos**, Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 157–179, 2022b. DOI: 10.5965/1984724623532022157.

RODRÍGUEZ, M. E. **Transfilosofía Sentimental**. Itapetinga: Edições Hipótese, 2022c.

RODRÍGUEZ, M. E. Humanismo inhumano: Deconstrucción rizomática desde la decolonialidad planetaria - complejidad. **Rev. Sem Aspás**, Araraquara, v. 12, n. 00, e023002, p.1-25, 2023b. DOI: 10.29373/sas.v12i00.17787.

RODRÍGUEZ, M. E. La compasión ante el dolor en la decolonialidad planetaria-complejidad, ¿qué tan ajeno es? **RELAcult Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad**, Paraná, v. 8, n. 3, p. 1-20, 2023. DOI: 10.23899/relacult.v8i3.2311.

ROSHWALD, M. Las raíces bíblicas de la democracia. **Diógenes**, Madrid, v. 53, n. 4, p. 139 – 151, 2006. DOI: 10.1177/03921921060703.

SANTOS, B. **Una epistemología desde el Sur**. México: CLACSO; Siglo XXI, 2009.

SANTOS, B. La nueva tesis once. Coimbra, Brasil. **Agenda Latinoamericana Mundial**, 2018. Disponible em: <http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/obra.php?ncodigo=1050>. Acceso em: 04 mar. 2024.

SOCIEDADES BÍBLICAS UNIDAS. **Santa Biblia**. Caracas: Versión Reina-Valera, 1960.

TAIBO, C. **Repensar la anarquía**: Acción directa, autogestión, autonomía. Madrid: Ed. Catarata, 2015.

WALSH, C. **Interculturalidad, plurinacionalidad y razón decolonial**: refundadores político-epistémicos en marcha. Bogotá: Editorial Universidad Javeriana, 2012.

WOLFF, R. **En defensa del anarquismo**. Crítica de la democracia representativa. Madrid: Taurus Ediciones, S.A, 2023.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** A todos os seres humanos que são cristãos no coração e nas obras.
 - Financiamento:** Sem financiamento, realizado no quadro consciente do pesquisador da Universidad de Oriente, Cumaná, Venezuela.
 - Conflitos de interesse:** Não.
 - Aprovação ética:** A natureza da vida é respeitada, pesquisa ética em todos os sentidos.
 - Disponibilidade de dados e materiais:** Totalmente.
 - Contribuições dos autores:** O autor realiza toda a pesquisa e é o portador das linhas de investigação onde a pesquisa se encontra.
-